

POESIA

(Pseudo)glosas marginais ao cancionero medieval

Lino Machado

1. Alba

O que meteu na taleiga
pouc'aver e muita meiga,
é por non entrar na Veiga
que faroneja?

Afonso X, rei de Leão e Castela¹

A manhã começa.
O café, tomado depressa.

Leite, pão, manteiga,
engole o café, Sr. Veiga.

Senhor? Não, senhor.
Às ordens. Do despertador.

O trimmm do tic-tac,
sempre. Não o toque de ataque.

(A manhã começa?
Corto o fio desta conversa...)

¹ “O que muita manha meteu / no saco e pouco de seu / e em Veiga não se atreveu, / o que fareja?” (Trad. Natália Correia).

2. Alargamento

e fugirei do poçon
do alacran

Afonso X²

No mundo
que agora vai girando,
o escorpião
(especialmente versátil)
multiplicou seu nome:

pois ele hoje
é Legião.

A grande arte desse artrópode
pode ser rastreada
com sucesso completo
em toda a parte.

Além
de escorpiões chamados
amarelos, brancos, d'água, do vento,
grandes, pretos, vinagres
e rabos-tortos,
há tipos
de outros quilates –
vale dizer, aqueles
que neste vale
são o que são,
mas jamais admitem
seu ser-escorpião.

Exemplos?

Existem os que nos encaram
das redes de TV,
como os comentaristas policiais
e os mais polidos
comentadores econômicos,
dois bandos

² “E fugirei do veneno / do escorpião”.

blablablando pela defesa
de nossos ais.

Mas ali
quem está no comando
de fato?

Quem administra
de maneira infalível
invertebrados
que fingem proteger
aos berros
ou com garganta
tecnomansa
interesses mais latos?

Ora – direis –,
os escorpiões-reis
(e como é péssimo
reconhecermos tão depressa
essa realidade,
Afonso X!):

ministros
empoleirados em igrejas
ou em países,
ases do manuseio internacional
de finanças alheias,
barões da mídia
ou anti-Midas transformadores
do mundo
em imagens horrendas –
todos
sempre escondendo
suas tenazes, seus espinhos curvos
que nunca são de rosas
mas próprios de viventes
com neurotoxinas
bem venenosas.

Enfim, uns mais,
outros menos, estranho
escorpiões assim
(ou personagens
versados em peçonhas

como eles são)
ficarem com a parte
que deveria ser
só do peão?

Portanto,
nem por um bom
decreto-lei
hoje há como proibir
o “poçon do alacran”,
meu rei!

3. Frente ao feminino

A cantar m'er de so qu'ieu no volria

Comtesse de Die³

“Por capricho da biologia
nasci mulher.

Minha biografia requer
fotografias
de corpo inteiro –
numa delas, quem dera
eu nua
respingando
sob um chuveiro...

Sim, em qualquer
hora do dia (e agora não sei:
biologia ou história
dita essa lei?) eu sou o bicho,
o animal que mais bem
tem cuidado
do seu capricho.

Nasci assim –
ou com o tempo deixei
de ser
um ser qualquer.

E o meu homem, o que ele tem
só de seu – enfim,
o que ele
é?”

³ “Devo cantar de modo que não me agrada”.

4. Divergência

Martin jograr, ai, Dona Maria,
jeita-se vosco já cada dia,
e lazero-m'eu mal.

Joan Garcia de Guilhade⁴

Uma com
petição?

Dum poeta
com seus pares
(essas aves
já bem raras)
certamente
sei que não.

Muito menos,
minha cara,
de machão
com machão
que te queira(m)
como Vênus
da maneira
mais avara.

Duns e doutros
(cada qual
num quintal)
eu sei já:

não virá
a tenção.

⁴ “Martin jogral, ai, Dona Maria, / deita-se convosco todos os dias, / e soffro eu demais”.

5. Confluente

alçando voz a cantar,
apertando-se na saia,
quando saía la raia
do sol, nas ribas do Sar.

Joan Airas de Santiago

Um tempo amigo:

ela comigo
e todas as noites chovia
alguma poesia.

Canção antiga,
cantinela, cantiga,

mas a cada nova audição
oito – nove – dez –
não sei quantos mil decibéis,

mesmo que nossas mentes
não andassem então
pensando precisamente
em qualquer espécie de som.

6. Pupilas na língua

Des que lh'eu vi o peyto
branco

Vidal⁵

Súbito os seios
no zoom de dois versos
de uma cantiga.

(Também as idéias
têm seus olhos indiscretos,
sobretudo
as que são fixas.

Os desta
não conseguem mais virar para o lado,
não parando de admirar
parte da brancura de um corpo,
ó delírio, ó delícia!)

Um par de versos, não:

um verso e
pouco,
um peito súbito – e
pronto:

o paladar da nossa malícia
saboreia em silêncio
a gulodice que lhe serviram –

ó seios, ó...!

⁵ “Desde que eu vi o seu peito / branco”.

7. Tal e qual

“Blanc peitz ab dura mamella”

Peire Vidal⁶

Como tal
(como talco?)
este branco
autoral
empalideceu
entre dois sóis
– digo:
seios negros
que um belo dia
noturnamente
foram seus.

Como talco
(qual?)
este cândido
malicioso
se difundiu
– sigo:
entre saliências
e reentrâncias
que um belo mês
de repente
o tempo abriu.

⁶ “Branco peito com duros mamilos”.

8. Nova discórdia

Com' antr' as pedras bon rubi
sodes antre quantas vi

Rui Paes de Ribela⁷

O mais belo rubi,
o melhor,
não é não-sei-que-Leonor
decantada
por esse trovador.

Menos vale
uma dona louvada
do que o dono da imagem,
a gema que – brilhante –
enrubesce o louvor.

Preciosa
ao ponto de pedir:

“Se quiserem,
meus amigos,
roubem um tal rubi!”

O que não é difícil.
Todavia,
seria mais notável
se alguém conseguisse extrair,
sem que vissem,
o que vemos ali, ao lado
e a seguir:
outras pedras-palavras,
sem as quais
as palavras-rubis
equivalem a nada
tanto nos mais antigos
quanto nos atuais mercados.
(Portanto,
segue prevalecendo
o Rui-rubi,
o Paes sorrindo à bela –
e fim.)

⁷ “Como entre as pedras o rubi / a melhor sois de quantas vi” (Trad. Natália Correia).

9. Por hoje (anti-alba)

e andar de noute armado
sen grado
o faço

Afonso X⁸

Cortado
por edificios,
também por montes
e outros montantes
de vértices-horizonte –
morreu o sol
enquanto a noite
em neologia
óbvia demais
recém-nascia

quer para *shoppings*
quer por exemplo
para insistentes
chacais.

Alguém, pós-mim,
irá abrir
com raiva ou sem
seus belos olhos
no miolo negro
para o mundo que brilhar
aqui e ali
apesar de todo
o breu?

Porém,
por ora
o sol somente
(não eu),
amigos vivos,
escureceu.

⁸ “E andar de noite armado / sem prazer / o faço”.

10. Fiinda E d'essa folia toda
já çafou!

Joan Garcia de Guilhade⁹

Eu fiz.

Soprei tudo o que senti
no teu ouvido.

Tentei.

Só não sei se isso fez
sentido.

⁹ “Porque essa loucura toda / já passou!” (Trad. Natália Correia).